

SITUAÇÃO DAS LÍNGUAS CLÁSSICAS NA SUÍÇA

André SCHNEIDER *

Na Suíça (6,5 milhões de habitantes), o ensino público, da escola primária à universidade, depende de cada um dos 26 cantões e semicantões que constituem a Confederação Helvética. Directamente da Confederação dependem apenas as duas Escolas Politécnicas, de Zurique e de Lausana, e a regulamentação dos cursos de medicina. A diversidade e a complexidade das diversas legislações cantonais relativas ao ensino secundário são, no entanto, um pouco atenuadas indirectamente pelas disposições federais que regem o acesso aos cursos de medicina, disposições que praticamente desempenham o papel de uma lei de bases para todas as escolas cantonais que atribuem certificados de maturité (=baccalauréat/Abitur).

Em virtude destas disposições, são reconhecidos pela Confederação cinco tipos de maturidade:

- Tipo A - maturidade literária (latim/grego)
- Tipo B - maturidade literária (latim/línguas modernas)
- Tipo C - maturidade científica
- Tipo D - maturidade literária (línguas modernas)
- Tipo E - maturidade sócio-económica.

OBSERVAÇÕES:

1. Como só há grego no tipo A, não se pode estudar grego sem estudar latim.
2. Os cinco tipos de maturidade "federal" não estão forçosamente representados em cada cantão. Note-se, todavia, que as escolas que dão preparação para os tipos A e B existem em cada um dos 26 cantões e semicantões.
3. Há escolas do tipo C, D e E que são obrigadas a proporcionar um curso facultativo de latim durante dois anos.

* Professor de língua e literatura latina na Universidade de Neuchâtel.

4. Os cantões têm a faculdade de acrescentar outros tipos de **maturidade**, os quais não serão reconhecidos no plano federal mas poderão eventualmente sê-lo por certas universidades.

Limitar-nos-emos, de momento, às línguas antigas nos tipos A e B, abordando três problemas:

- a) a carga horária;
- b) o número de alunos;
- c) o conhecimento das línguas clássicas como condição de acesso a certos estudos universitários.

A) A CARGA HORÁRIA

A tendência é para a diminuir. Mas acrescente-se que a mesma tendência está a atingir mais ou menos o conjunto das principais disciplinas, obrigadas a ceder terreno a novas matérias (informática, belas-arts, filosofia, trabalhos práticos, toda a espécie de opções, etc.).

Os números disponíveis sobre a situação actual dizem respeito aos seis anos que precedem a **maturidade**.

Não têm valor absoluto, visto que a duração do ensino do latim, nunca inferior a seis anos, na maioria dos cantões é mais prolongada, sete ou até oito anos. Em contrapartida, o grego, cujo ensino começa um ou dois anos após o do latim, é por vezes estudado durante menos de seis anos, ou seja, durante cinco ou até quatro anos.

Feitas estas reservas, o total de horas semanais por cada ano (**jahreswochenstunden**) é, nos seis anos, o seguinte:

- Latim, média suíça: 27 1/2 horas
(os extremos são de 22 e 35 horas);
- Grego, média suíça: 21 1/3 horas
(extremos: 12 e 29 horas).

Em vários cantões há reformas recentes ou reformas em projecto que têm como resultado atrasar um ano ou dois o início do latim, para dar lugar a um período de "orientação". Sem contestar a necessidade de orientação, pode-se deplorar a situação desfavorável do latim, que é assim a única disciplina liceal específica de que o aluno não pode formar uma ideia pessoal antes de terminar a sua escolha.

A informação sobre o latim fornecida durante o período de orientação é, por conseguinte, de uma importância extrema e deve ser assegurada por pessoa competente (a qual nem sempre se encontra no corpo docente neste nível). O papel dos professores de línguas clássicas deveria ser o de controlar a qualidade desta informação e, se possível, contribuir pessoalmente para ela.

B) O NÚMERO DE ALUNOS

Entre uma determinada classe etária do conjunto da população, cerca de 15% frequentam uma escola de maturidade. Os números que se seguem referem-se a esta parcela de alunos dos ginásios ou liceus.

No período de 1976-1984 o número de alunos da secção A (latim-grego) representa uma percentagem fraca mas relativamente estável da população liceal: no décimo grau (que geralmente corresponde ao início do secundário complementar) 2,8% em 1976, 2,9% em 1984. Entre um total de diplomas de maturidade concedidos, as maturidades de tipo A representam 4,3% em 1976 e 4,1% em 1984. Que o saldo seja o melhor do décimo grau prova-o, diga-se de passagem, que a taxa de insucesso ou de abandono é menos elevada nesta secção do que nas outras.

Pelo contrário, na secção B (latim) as percentagens diminuíram sensivelmente desde 1976. As maturidades de tipo B que representavam 40,5% em 1976 são apenas de 32,1% em 1984. Se se adicionarem as maturidades A, chega-se a um total de 36,2% nas maturidades que têm latim em 1984, em face de 44,8% em 1976. São múltiplas as causas desta diminuição. Pensa-se em primeiro lugar na atracção exercida pela secção científica, mas o número de alunos desta secção diminuiu nas mesmas proporções (de 33% para 26% no décimo grau). A concorrência vem, sobretudo, do tipo D (línguas modernas), reconhecido pela Confederação desde 1972, que drena os alunos que temem, simultaneamente as matemáticas e o latim. Além disso, nestes últimos anos foram introduzidas várias maturidades cantonais que desde 1984 atraem mais de 10% dos alunos.

C) O LATIM E O GREGO COMO CONDIÇÃO DE ACESSO A CERTOS CURSOS UNIVERSITÁRIOS

Desde 1968 que o latim não é exigido para os cursos de medicina. Continua obrigatório, sob a forma de uma maturidade A ou B, ou de um exame feito na Universidade, para os cursos de Teologia, para a maior parte dos cursos de Letras e numa parte das faculdades de Direito. O grego é necessário para os cursos de Teologia e para certas disciplinas da Faculdade de Letras relacionadas com a Antiguidade.

Os cursos de iniciação ao latim e ao grego, organizados pela Universidade durante dois, três ou quatro semestres para dar preparação para os exames complementares, são frequentados por um número cada vez maior de estudantes. Na Universidade em que sou professor, em Neuchâtel, o número de estudantes que começa os seus estudos sem terem tido latim no curso complementar situa-se entre 1/3 e 1/2 dos estudantes

inscritos. Mas esta percentagem diminui rapidamente no segundo ano, o que significa que o maior número de abandonos no princípio dos estudos se situa neste grupo de estudantes. De modo geral estes cursos põem problemas didácticos específicos, que deveriam ser examinados à parte.

Deste quadro ressaltam elementos que permitem manter um optimismo moderado, entre outros o facto de que a maturidade A não só conserva as suas quantidades de alunos, mas também o seu nível qualitativo, que é reconhecido especialmente pelos testemunhos espontâneos de professores das escolas politécnicas - disso me têm chegado vários ecos. Há outros elementos que podem tornar-nos pessimistas, em particular a redução do estudo do latim e a diminuição do número de alunos em maturidade B. Mas a um optimismo passivo, é sem dúvida preferível um pessimismo activo e as ocasiões de agir não faltam...